

A LANTERNA

ANTI-CLERICAL E DE COMBATE SOCIAL

PUBLICA-SE AOS SABADOS

Red. e adm.: Rua 21 de Abril, 61, (Bras)

Número avulso: 100; de 500; de 1000

A inserção de anúncios na 4.ª página é feita mediante preços conveniêncios

Director: EDGAR LEUENROTH

ENDEREGO: CAIXA POSTAL 108 - S. PAULO (BRASIL)

ENDEREGO TELEGRAPHICO: LANTERNA

PREÇO DE ASSINATURA:

ANO, PARA TODOS OS BRAS. 10000 | SEMESTRE, IDEM . . . 6000

PARA O ESTRANGEIRO, ANO . . . 15000

O pagamento deve ser feito sempre adiantadamente

Ainda a proposito do famoso imposto

Depois da agitação feita pelos negociantes varejistas contra a lei do imposto de comercio, esta questão ficou na situação ideal desejada pelos governantes de S. Paulo.

O pequeno comercio do interior, e da capital, reunido em congresso, outorgou plenos poderes a União Commercial dos Varejistas para oportunamente decidir se sim ou não deve o imposto ser pago.

Dessa associação deve, pois, partir a palavra de ordem. Não é necessário muita argucia para prever desde já o que vai succeder.

A União Commercial dos Varejistas é, praticamente, representada pelo sr. Henrique Braga, Manuel Cruz e Luiz Gonzaga Barros Marques, respectivamente presidente, secretario e guarda-livros dessa sociedade.

O sr. Henrique Braga é irmão do sr. P. Braga, factotum do Centro do Comercio e Industria, agremiação dos tubarões da finança que, por conveniência propria, desejam ver a lei executada.

O sr. Manuel Cruz é um pequeno negociante, que depende dos atacadistas seus fornecedores, filiados ao centro já referido. Se tentar resistir ás solicitações destes, correrá o risco de ver o seu credito cortado e de ser perseguido pelos agentes do fisco.

O sr. Luiz Gonzaga, como empregado da sociedade, terá de se inspirar na vontade dos seus directores, se não quiser perder o emprego.

Estas tres pessoas, no momento presente, são o poder executivo da União Commercial dos Varejistas.

São tres homens cuja honestidade não pretendo discutir, mas incapazes de resistir á forte influencia que sobre eles, neste momento, já está sendo exercida pelos governantes deste Estado e por aqueles a quem esta lei meteu centenas de contos na algebrá.

Bem disse o Conselheiro Acaio: «A lei será executada».

O sr. Julio de Mesquita, não obstante a sua grande habilidade, perdeu o seu latim, o povo paga o pato, o sr. Cardoso de Almeida ganhará um palacet.

E é assim mesmo que deve ser, porque está dentro da logica.

O sr. Julio de Mesquita perde o seu latim, porque ha muitos anos que a sua acção social se vem reduzindo em incensar os mesmos homens que ele hoje ataca, aconselhando ao povo todo o acatamento e veneração á tal gente.

O povo não pôde crer com grande entusiasmo que o «venerando brasileiro», o «estadista notavel» de hontem, se transforme hoje no peró dominhoco, no politiquero tacaño, na ratazana que prolifera camundongos á volta do Tesouro.

O povo paga o pato, porque é burro, e quem é burro paga a Deus que o mate e ao Diabo que o carregue.

Quando o sr. Julio de Mesquita está em comandita com o governo o povo acredita-lhe nos sermões apologeticos e, assim sendo, não é de estranhar que fique, neste momento leito besta, meditando se esse senhores está trocando ou dizendo a verdade sobre o imposto.

E, na duvida, vai pagando porque é o mais pratico.

O sr. Secretario da Fazenda ganhará um palacet — e ele bem o merece.

Poor do que ingratitude, seria um catete pregado por aqueles que lhe encomendaram a lei, se não cumprissem o seu dever. Negocio é negocio.

Com prejuizo do fisco, com risco da sua carreira politica, ele, que demais a mais, vive do pão de cada dia, está conseguindo, sabe Deus como, distribuir uma fortuna respeitável por alguns individuos.

Seria humano que estes o tratissem, não lhe pagando a comissão devida?

E, depois, isso é do uso — e o uso faz a lei.

O sr. Lima também ganhou, o Marechal também.

O mineiro honesto que se chama Bueno Brandão, os administradores exemplares Nilo Pecanha e Antonio Prado, restauraram a sua fortuna arruinada por esse processo, que nada tem de parecido com o posto em pratica pelos apaches.

A téo falecido «Messalina», da rua 15, que, não ha muito tempo, mendigava niquels nas cascas de taboagem, morreu rico — não na cadeia — mas no seu confortável palacet — pelo Tesouro, sob a rubrica «Publicações».

Depois que sr. Julio de Mesquita ralhou e jogou as bulhas com os seus parceiros de industria, disse na prosa muito dele, sempre sincera, deliciosas e atraente que, nos ultimos tempos, (eu penso que sempre assim foi) em todas as partes, a missão de todos os governos se limitava a uma arte mais ou menos aperfeiçoada de enganar os povos.

Zeno, o ex-diplomata da honrada monarquia portuguesa, afirmou pleno de coerencia, com o seu apregoador reacionarismo, que a guerra europeia era uma pendencia entre salteadores. Cada general, disse ele — «é um capitulo de ladrões e cada diplomata um vulgar pickpocket».

«Verdades santas em boca pecadora».

Se os productores tivessem o bom senso de ouvir o sr. Julio de Mesquita e o sr. de Santo Tirso (Zeno) só quando falta a estes o osso para roer, nem o imposto de comercio nem imposto nenhum mais seria pago.

A tal arte mais ou menos aperfeiçoada de enganar o povo está agora (como sempre) sendo posta em execução para fazer passar o imposto.

Os artistas não são guias de largos vãos (nestes tempos de crise geral, as aguias aninham-se nas albardas dos burros, e não como antes, nas cumieiras dos montes) mas, para quem é, bacalhau basta.

Para enganar um taverneiro não ha como outro taverneiro. Os exatores tem ordens formais para atender este ano a todas as reclamações.

As casas colecionadas em 1.ª classe, requerem e conseguem passar para a 2.ª ou 3.ª; confeitarias serão lançadas como casas de confeitos; casas com filiais solicitam e obtêm isenção para estas.

Quebra-se assim a coesão na resistencia á lei, fraccionam-se e desorientam-se as vontades; uns pagam, outros dizem e não fim todos cedem.

No ano que vem a lei já tem direitos adquiridos e, então, todos pagarão á vontade dos ex-



— E foram os meus que o fundiram!...

actores. Será o momento de se cumprir rigorosamente as palavras do Conselheiro: «A lei será cumprida».

Bem se sabe que se os 50 mil varejistas do Estado de S. Paulo recusassem terminantemente o pagamento, não se animaria o governo a mandar expedir outros tantos mandados executivos, porque tal acto viria criar uma situação revolucionaria que os pillohos gordos do Estado não desejam enfrentar; mas quem se poderá iludir com a conduta futura dos directores da União Commercial dos Varejistas?

Amanhã, sob a cabala governante e da alta finança eles lançarão aos quatro ventos a palavra de ordem: «Paguem, visto que o governo atendeu equitativamente a todas as reclamações justas».

E todos pagarão, e a lei terá passado.

Resultado liquido: Os negociantes, com a desvolutura que lhes é peculiar, cobrarão mais caro pelas mercadorias, e o trabalhador, o productor aguentará com essa carga mais.

E é sempre assim.

O comerciante, o proprietario de casas de aluguel, o capitalista em geral, não paga imposto algum, porque todos os impostos ele inclue no preço da mercadoria, no aluguel da casa ou no juro do emprestimo.

Todavia esse mesmo capitalista, principalmente o pequeno comerciante e o pequeno proprietario, tem interesses opostos ao fisco, porque quanto mais precaria é a vida do trabalhador mais calotes forçados (o termo é improprio) este prega naqueles.

Os parasitas mais completos, mais repugnantes das sociedades de propriedade privada são, incontestavelmente, os pillohos de engorda de toda a especie que vivem á teta do Estado.

São animais que só consomem, nada produzindo que seja util.

Mallo Negro.

Ecos & Notas

PLUMITIVO IDIOTA

A crise politica que provocou a acção não no partido dominante deste Estado serviu para muitos politiqueros, e fazeres de Madalenas arredondadas.

Foi o que succedeu a um plumitivo agora com a sua tenda assentada na 5.ª Avenida, onde quasi diariamente ocupa o posto de boia.

Assim-se ele A e está procurando, por tabela, cair nas graças da conselheira criatura collocada á testa da camorra dominante e a quem elle, então como Alberto de Sousa, atacou furiosamente ha coisa de um lustro.

Empenhado em comprometer o Estado de S. Paulo, o temeroso adversario politico da agremiação dominante, o vulgar plumitivo burguez tem traido á balli, por varias vezes, o nome da A Lanterna, pretendendo, assim, com um recurso de polemista barato, desprestigar perante a acromodiatista gente conservadora, o burgesissimo e conservador orgão do sr. Julio de Mesquita.

Mais idioteia não se pôde esperar de quem gosa da fama de jornalista de pulso.

O individuo é tão paspalhão que, ao mesmo tempo que afirma estarem os seus dignos parceiros do Estado aliçados aos panfletarios anarquicos da A Lanterna, insiste em apresentar o nosso amigo Benjamin Mota como director da nossa folha.

A preocupação do fulano é de fazer jus a um lugar entre a corja do casarão da praça Dr. João Mendes, por isso tanto se lhe dá diser isto como aquilo. O importante é atacar os adversarios dos cesares da epoca, de quem precisa conseguir a protecção.

Cassar-nos-á isso, se não nos inspirasse piedade.

PEDIR PERDÃO, NUNCA

Na cadeia de Ribeirão Preto está cumprindo, ha já bastante tempo, uma pena a que o condemnou a justiça desta madrastra organização social, um infeliz atacado pela tuberculose em estado bastante adiantado.

Chama-se Antonio Egídio da Silva e pede também o nosso concurso no sentido de conseguir, do presidente do Estado, o perdão do tempo que ainda lhe resta para saldar a sua conta com o codigo da burguesia.

Se o pobre encarcerado conhecesse os principios que espantam, não sediria o corpo apelo para obter o perdão do chefe do governo.

Não são admittidos, na classe dominante, o direito de condemnar, por isso não podemos a ele recorrer para que perdoe culpas que são conse-

Palavras e actos

Hoje estou vivo; amanhã talvez desaparecerei e voltarei para o lugar de onde vim.

Enquanto viver, sei que amando os homens, sinto-me alegre e calmo. Por isto, enquanto viver, quero amar a ser amado. E eis que certos homens chegam-se a mim e me dizem: «Tu, com o cotico pillar, executar, matar, guerrear; tu disto, aproximadamente; a se não fores tu, será o Estado que aproveitará.» — Que Estado? Que disteis vós? perguntará todo homem que não tenha perdido seu bom senso. «Deixai-me em paz e não me fazeis ouvir semelhantes absurdos e vilanias.»

(L. Tolstói).

Estando a ler um jornal europeu, deparei com uma estatística relatando o numero de victimas que a actual guerra já tem feito. Este numero eleva-se á impressionante cifra de nove milhões, para mais e não para menos, de seres humanos atingidos pela configuração europeia.

Com um movimento de horror, de profundo abatimento moral e de desalinho, afirei para o lado o jornal e pus-me a

estar a gente a querer o que os scepticos chamam — o impossível, — isto é, fazer ver ao povo coisas que elle ainda não pôde comprehender no estado de atroz mental em que se acha e que é e será propositamente mantido pelas classes que governam enquanto ellas existirem.

Estava assim mergulhado nas minhas reflexões, neste estado de alma que precede a resignação que se apodera do vencido, quando o meu olhar caiu sobre um dos livros que costumam com imenso prazer folhear e que já ha muito havia deixado em meu espirito uma forte impressão. Este livro foi escrito por Tolstói e tem por titulo *Ultimas Palavras*.

Tolstói, pensei, o grande russo, o anarquista cristão, como ele se denominava, o homem que não admittia em nenhum caso, a violencia, que esquecia a essencia da natureza humana, particula que é da grande força, força harmonica, sim, porém brutal e insensível ao extremo; Tolstói o manso, o evangelico, nestes tempos de brutalidades e de violencias sem limites, talvez seja um consolo reter o que o seu grande coração sentiu.

Pequei na obra e abri-a. No alto da pagina 153, á margem, lê-se o que transcrevi acima.

Nestas paginas e nas duas outras que se lhe seguem o philosopho de Iznaila Poliana relata o seguinte episodio, para muitos banal, acto de sectarios religiosos sem valor pratico immediato, episodio passado na Austria ha poucos annos, na muito cristã, na catolissima Austria, no grande esteio do papado:

«Ha alguns annos, um joven da seita dos Nazarenos, tendo recusado o serviço militar em companhia de diversas centenas de seus correligionarios, foi metido em uma prisão juntamente com eles.

A má sorte, tendo vindo ver seu filho, a sentinela apodou-se dela e deixou-a aproximarse da janela de onde o podia ver. Em lugar de se lamentar sobre sua sorte, de reprochar ao filho te-la abandonado, gritou-lhe: — «Não toques em um fuzil, meu coração de ogro! pensa em Deus!»

questas da má organização da sociedade.

Para protestar e reclamar a liberdade de quem quer que seja que esteja encarcerado — estaremos sempre prontos. Para pedir perdão, nunca. Os governantes, de qualquer jaez, não só os conhecemos para combates sem transigencias.

RECURSO DE VELHACOS

Paulo Mazzoldi, director de *Il Piccolo*, diario desta cidade, está, desde ha alguns dias, preso na cadeia publica, em consequencia da falcencia de *Il Giornale dell'Italia*, de cuja redacção esteve á testa.

Este jornalista, mais conhecido pelo seu pseudonimo — Rusticus, tem se destacado no meio acadêmico do jornalismo paulistano pela sua intelligencia e cultura e pela franqueza com que trata de todos os assuntos.

Dai a sympathia que nos inspira, apesar da divergencia de principios existente entre nós e ele, e a ogeria que lhe votamos caros panfletarios apastados da colonia italiana.

Foi um desses tipos de engorda de museu que conseguiu levar á cadeia o jornalista irreverente.

Como não podem fazer calar o critica ás suas marotarias com o seu ouro, tentam abafá-lo com a prisão.

Miseras criaturas!

O PRINCIPE DA CLERICALNALHA

Por entre as pompas principescas de sacerdotio maximo do mitologico filho da estrebaria de Bethleem é as honrarias do officialismo asfardado — por aqui passou, ha dias, o cardeal que o Barão do Rio Branco comprou ao Vaticano, para o Brasil, por uma respeitavel fortuna.

O sr. de Arcoverde abandonou o nababesco roçago do seu luxuoso palacio da Gloria, no Rio, para ir a Uberaba assistir a um congresso de formigões coroados lá realizado para comemorar o jubileu parasitario do bispo de aquella zona de vasta cavado clerical.

Por toda a parte foi o principe ultramontano festejado pela canalha gorda, pelos bandidos que enriqueceram á custa do alheio trabalho e pela massa imbecillizada pela estupidez religiosa.

Aqui só faltaram belterem-lhe o safrão trazeiro, tendo-lhe o presidente cavanhado concedido uma audiencia especial e amistos.

Em Uberaba a langa de um carro no la livrando de tal sujeito, quasi atravessando-lhe as sacas costeis, infelizmente porém, o bruto assapou liso, certamente por algum milagre de Nossa Senhora do Pito Aceito.

O filho escutou sua mãe, assim como sua consciência, e permaneceu na prisão para terminar os quinze anos de reclusão a que tinha sido condenado pelos tribunais austríacos.

Que belíssimo exemplo de firmeza de princípios, de coerência com a fé livremente abraçada por parte destes simples e obscuros heróis!

Esta mãe e este filho tinham compreendido e seguíam a risca o que o seu Deus, isto é, a sua consciência lhes impunha: o dever de não matar jamais o seu próximo, e preferiam sofrer a infâmia, a afronta, o martírio a infringir o grande mandamento.

Ah! se todos aqueles que se julgam cristãos tivessem recusado, ha dezoito meses atrás, pegar em armas, como fizeram estes nazarenos austríacos!

Por certo não estaríamos a assistir à louca, à estúpida orgia de sangue que jamais foi vista sobre a face do planeta que habitamos.

Uma coisa está provada com esta guerra: é que o africano, o asiático, o negro como o amarelo não são mais deshumanos do que o ocidental. Desde as cruzadas e as guerras de religião da idade média até aos nossos dias pouca modificação, quasi nenhuma, é mais justo dizer, se nota no fundo de crueldade que herdamos dos nossos antepassados; a guerra actual é disso um exemplo vivo, frisante.

Não acreditamos que nenhum chin, nenhum núbio, nenhum marroquino possa ultrapassar as atrocidades que praticaram e de que foram vítimas os habitantes das cidades, vilas e aldeias invadidas pelos exercitos de civilizados cristãos contra cristãos.

Isto prova que as grandes potências continuam a ser vastas aglomerações de salteadores, cultivando antes de mais nada o grosseiro sentimento patriótico que as impelle umas contra as outras, impedindo-nos de ter consciência do que somos e da nossa solidariedade para com toda a humanidade, referindo-se a bem recente ocupação da Bósnia e da Herzegovina prevendo a catastrophe actual.

E' evidente não ser possível evitar a violência, por ser antinatural, nem que se possa, por exemplo, fazer uma revolução, sobretudo como a economica, a mais importante e difícil de todas, sem o enriquecimento da força, sem recorrer-se à violência, pois que esta não é mais do que o resultado da acumulação de forças que chegaram a um estado potencial capaz de romper a resistência de energias contrarias. Porém não resta a menor dúvida de que se todos os cristãos estivessem suficientemente, logicamente comprometidos nos seus deveres morais e sociais, por certo que as guerras entre eles pelo menos ha muito teriam passado para o rol das coisas desaparecidas, como o foram as fogueiras da Inquisição, os esquartejamentos na praça publica, a escomunhão com toda as suas terríveis consequências, a escravidão que reduzia o homem ao estado de animal domestico, de propriedade sujeita ao regimen da compra e da venda.

Temos fé, grandes esperanças de como estamos em vespasas de grandes coisas, do despertar da consciência universal para o Bem e que após o horror dos dias calamitosos que atravessamos uma aurora de paz despontará anunciando um mundo novo a suceder ao actual tolcho de sangue e de miséria.

Esta será a obra dos bons, daqueles que quiserem se recusar, por actos, como os Nazarenos, a praticar o mal.

Rio, 7 — 916.

Adrcal.

Uma coleção da "A Lanterna"

RESTA-NOS APENAS UMA ÚNICA COLEÇÃO DA NOSSA FOLHA DAS QUE DESTINAMOS À VENDA.

SÃO OS SEIS ANOS DA PRESENTE FASE (16-10-909 a 19-10-915) ENCADERNADAS EM QUATRO VOLUMES. VENDEMOS-LA POR 70\$000, QUE É O CUSTO DA ASSINATURA E A DESPESA DA ENCADERNAÇÃO.

O "avacalhamento"

do povo

Já ninguém mais duvida do abastecimento moral em que caiu o povo brasileiro, outrora tão cioso na defesa dos seus interesses e dos seus direitos.

Este sintoma do morbo moral atribui-se às agitações políticas em que o povo sempre tem sido o doçil instrumento dos chefetes que imperam por toda a parte e das quais sempre tem sido logradouro.

A etiologia poderá registrar outros factores, mas este é um dos principais que a atenção intelligente do observador atento descobre.

A desharmonia que predomina em todas as classes e o socialismo que rói todos os homens, têm, sem duvida, a sua origem num grande mal superior às fracas resistências do meio.

Um segundo factor é, também, certamente, a diversidade dos caracteres, dos costumes, consequência da promiscuidade de nacionalidades, sem falarmos na mistura de raças de que é habitado o Brasil.

O estudo e a observação têm demonstrado que é impossível desenvolver no individuo aquilo que ele não teve em germe, ou por outra, que ele não recebeu hereditariamente.

Ora, o sentimento da escravidão é todavia muito vivo nos homens que governam o país, portanto, não é de se estranhar que as leis manipuladas pelas consciências desses escravocratas só tenham um fim: o de escravizar e roubar o povo com leis que restringem cada vez mais a liberdade e com impostos onerosos que arrastam todos à miséria.

Assim, pois, vemos o governo da União sobrecarregar de impostos todas as mercadorias, o Estado ainda mais e o Município ultrapassar todos os limites do bom senso. Dize-se que somos governados por uma quadrilha de ladrões que se legalizam com as leis fabricadas por eles e impostas ao povo.

E o povo assiste impotente à exploração das suas economias, do seu trabalho, com a restrição dos seus direitos e do suas liberdades, sem um gesto de revolta e de indignação!

Se o povo quereria-se ao convívio de braços, na preloção, em todas as divindades do trabalho para entregar o fruto do seu suor e de suas fadigas ao povo da União, do Estado e do Município.

Depois todos se lamentam, todos se queixam, mas são incapazes de se organizar, de estabelecer uma sólida solidariedade para a defesa comum dos seus direitos. E isto porque está na base do seu completo "avacalhamento".

J. Juber.



OS SATIROS TONSURADOS

UM VICARIO ENGRAVIDOU UMA MENINA DE DOZE ANOS

Nun hospital de Belo Horizonte

O Diário, de Belo Horizonte, publicou a seguinte noticia, que reproduzimos para mais uma vez consagrar a santidade clerical:

«Chegou, ha alguns dias, na Santa Casa, uma menor que, quando muito, poderá contar uns 12 anos de idade.

Não obstante tão pouca idade, a menina apresentava adiantado estado de gravidez.

Acabou-se de verificar que a menor fora seduzida por um vigário residente nas imediações da capital.

Ao que nos parece, ha na Santa Casa grande interesse em impedir o estouro do escândalo.»

A pessoa que nos remeteu o numero do jornal citado acha merecedores de destaque os pontos referentes à idade da vítima do satiro de batina e ao abandono em que elle se deixou.

São todos assim esses miseráveis: dizem-se escravos da abstinencia, mas se escoria a sua concepção praticam as maiores infâmias, sacrificando indefesas criaturas, que atiram à prostituição, e até crianças.



A QUESTÃO DO MOMENTO

Agitação contra mais um assalto do fisco

Os comícios da União Geral dos Trabalhadores tem tido êxito — Um desfecho do governo mal sucedido — O silêncio da imprensa — Os esmeralantes se acomodam... e o povo terá de agir decididamente

Está sendo corado de bom exito e agitação que ao redor da momentosa questão do imposto do comercio iniciou a U. G. dos Trabalhadores.

A grande assembleia obreira realizada num salão do Braz, seguiu-se o numeroso meeting do largo da Concordia, no mesmo bairro. Ainda melhor succedido foi.

O comício do largo da 24 — realizado no domingo, 13 do corrente, pelas 19 horas, com grande concorrencia e o indifferente aparato politico.

Este comício tomou, a certa altura, uma feição diversa dos que temos relatado.

Nelle fizeram uso da palavra varios companheiros, falando alguns em espanhol e italiano, em vista de ser grande a affluencia dos elementos que falam esses idiomas.

O que disseram esses oradores, todos elle operários sujeitos às grandes vicissitudes da penuria social, é de imaginar. Extinguizamo-nos com desassombro a acção aldrada dos governantes, que esbanjam à larga nas suas orgias, aumentam de peso a tributação; de que o povo soffre todas as consequências, estenderam-se em considerações de índole libertaria, socializante e protestante.

Arregimentar-se em potentes agremiações de luta contra a tirania e a exploração da classe burguesa.

Como nos comícios operários a palavra é livre, subiu à improvisada tribuna um cidadão que desde logo se colocou em choque com a assistência.

Pelo modo de se apresentar, viu-se immediatamente tratar-se de um enviado directo ou indirecto da gente que está de cima.

O homenzinho, pretendendo defender o presidente do Estado, quiz aconselhar o povo a ter confiança nos dominadores da situação, de quem podia tudo esperar.

A resposta não se fez esperar: uma vaia tremenda abafou as palavras do defensor do governo.

Um companheiro pediu então ao povo que o ouvisse com paciencia, pois não faltaria quem depois o rebatesse convenientemente.

O homem recomeçou então a falar, mas as suas palavras eram tão irritantes que a vaia não se fez esperar.

O mesmo companheiro aludido tomou a palavra e, com o aplauso caloroso do povo, rebatou o que o vaiado paterno do governo conselheira havia dito.

Depois de mais algumas palavras de um companheiro, encerrou-se o excelente meeting que em todos deixou muito bom impresso.

O comício do Bom Retiro — Apesar do aguaceiro que caía à hora marcada, teve lugar, no domingo passado, a noiteinha, um outro comício com o mesmo fim, nelle falando varios companheiros, no bairro do Bom Retiro.

A condução da imprensa — Embora já se saiba que a imprensa burguesa não pôde estar decididamente ao lado da classe trabalhadora, merece ser posta em evidencia a sua conducta em face da agitação promovida pela União Geral dos Trabalhadores.

Pode-se dizer que se fez a conjura do silencio ao seu redor. Do comício do largo da Sé, por exemplo, só apparecem umas quatro linhas perdidas no fundo de espiçadas colunas.

Enfim, podia ser peor...

A attitude dos esmeralantes — Como gente amante do socoço, vão os varejistas se acomodando com as promessas dessa raposa velha que é o secretario da Fazenda.

De transigencia em transigencia, acabarão por ceder.

Depois, já se sabe, o povo é que terá de suportar um novo aumento no preço dos generos.

Mas tambem o exemplo do que se está fazendo na Espanha e em Portugal poderá servir... E será melhor assim.

A Platéia, noticiando que ao serido da Paralisa chovia copiosamente, após muito tempo de seca terrivel, deu a essa noticia telegraphica este ultra-comico titulo — «Deus protege o Brasil».

Isto até parece coisa do tempo em que se amarrava cachorro com linguica e elle morria de fome.

Se o tal Deus mandou a chuva de poço da rica, porque não evitou esta?

MENTALIDADE RELIGIOSA

UMA RESPOSTA ACERTADA

Tinha-me sido dado como criado um burlesco convertido, chamado Guerassime Batarye... Enquanto Ostrowsky vigiava o comitê da equipagem, fui com Guerassime até um embudo, que se erguia no ponto mais elevado do planalto. Em terra burlesca e em toda a Mongolia, acham-se embudos, que são ramos de arvores ensarilhados, parecendo de longe moitas enormes. Neles estão suspensos papéis ou panos, nos quais ha orações cristãs. No interior, não chão, vê-se arcos, assucari, chá ou tabaco: são oferendas feitas pelos crentes que passam aos espiritos que sempre é bom tornar propícios.

Acabava eu de fotografar o ombosse, quando, ao voltar-me, me pareceu ver que Guerassime atirara uma moeda para debaixo dos ramos; ao cair, a moeda produziu um som caracteristico. Aproximei-me e vi no chão, no meio das outras ofertas, uma moeda de dois kopeks.

— Tu dás oferendas ao deus mongol? Eu supunha-te cristão, disse eu a Guerassime.

— Certamente, respondeu-me o criado; até nasci de pais convertidos desde a infancia à religião cristã.

— Depois, encolhendo os ombros, ajuntou:

— O nosso Deus, sabe? quando lhe peço alguma coisa, nem sempre me concede. Por isso agora, quando se me offerece occasião, dirijo-me tambem ao deus mongol: se um não dá o que eu desejo, talvez o outro seja mais liberal.

— Mas a qual deles agradece tu, quando é satisfeito o teu desejo?

— Ora! disse-me tranquillamente Guerassime, como quer o senhor que eu saiba qual deles teve dó de mim? Não agradeço a nenhum!

P. Labbé.

O teatro

e a Igreja

Nessa semana, que se aproxima, essencialmente carnavalesca, a que o vulgo, chama — *Semana Santa*, existe uma determinação policial multi-estúpida, como afinal só se toda a ordem da policia.

Consta essa determinação em prohibir as representações teatraes, quando não sejam inteiramente sacras.

Corporisa esta arbitrariedade um desmerecido proteccionismo ao cinematographo, que, achando-se só em campo sem a concorrencia dos espectáculos dramaticos, tem, na tal semana, a maior maior lucro em todo o anno.

Suagrando a paciencia do publico com a vida, paizão e mais miudezas do Christo, conceccionando, de Biblia nas unhas, diferentes filmes de estatados assuntos religiosos, vem, politicamente autorizados, os empresarios do cinematographo, abrindo maior fundura no depauperado organismo theatralista.

Assim, Igreja e autoridade, duas entidades que se completam, correm, desta fórça, para o prejuizo da maior de todas as artes, qual é a arte dramatica.

Indifferentes e arqui-preguicosos, não quiseram os trabalhadores do palco reagir contra mais esse assalto aos seus direitos, preferindo descansar esses dias a empreender qualquer movimento de reacção.

E habito velho aos artistas não praticar coletivamente alguma coisa que lhes possa trazer bem estar e equitativa recompensa aos seus esforços. Pondo de parte interesses, brio, dignidade profissional, o artista dramatico vive num scenario estriamente desgastado, com a miséria a bater-lhe à porta. Mórmente no Brasil, ele, desprezado, vil, vive a vida camaleão dos cafés, indifferente a qualquer assumo do reivindicacão coletiva, ora artista, ora mendigo, cobrindo a sua casa hospitalarmente a todos os seus irmãos em arte, que doutros países vem, mas ficando elle na rua lamentando-se da sua fraqueza e do seu isolamento. Pouco cioso do seu nome, da sua justiça, sem grande amor a sua arte, tanta peçonha ao se aglomerar, cogitando de uma associação de classe, e recheando, assim, ligões sociais dos cocheiros e chauffeurs de praça, que, em materia associativa andam-lhes adiantados.

Não são isto vagas affirmativas de retorica, mas a verdade pura dos factos, e, para prova, a está a tal disposicão politica cinema-religiosa.

Admittido, por hipoteses, as vantagens do cinema, deduzo que o seu lugar deva ser no collegio. Alí terá, talvez, a sua aula, tanta peçonha ao se aglomerar, cogitando de uma associação de classe, e recheando, assim, ligões sociais dos cocheiros e chauffeurs de praça, que, em materia associativa andam-lhes adiantados.

A rasão, pois, da ordem policial sistematizada no interesse de deprimir o teatro em beneficio do cinematographo.

E senão, vejamos: Enquanto na Semana Santa as companhias dramaticas fecham as suas portas ou exhibem peças de sabor religioso, a autoridade permite que as empresas cinematographicas confeccionem qualquer programa, sem obedecer, entretanto, ao rigor dispositivo que applicam às empresas teatraes.

Assim, o ano passado, na Capital Federal, por não terem peças temperadamente religiosas, deixaram de trabalhar as companhias constituidas dos theatros: «S. José», «Carlos Gomes», «Palacio Theatre», «Favilla International», «Rio Branco» e «Chanteleur», dando-nos, ao contrario, empresas cinematographicas ou filmes que lhes apeteceiam, sacros ou não, com a devida authorisacão policial.

Tivemos no «Favilla International», «O filho prodigo», tão sacra, como o «Cachorro da Malita»; na «Maison Moderne», a «A meniga» e «Dois boas corações»; no «Arenida», «Uma hora de angustia» e «Coração de mulher»; no «Ideal», «As duas nobrezas», «Excursão sobre o Sina», e «Gaumont Journal»; no «Parisiense», «A sombra do Mal», (204 quadros), «O colera morbus», (comedia da Noruega); no «Fargue Fluminense»,

«Uma lagrima que não se perden», «A calúnia», «A vida nas Indias», «Doctina do varabundo» e «Os tamulos de Anna».

Isto, constituiu o programa de quinta-feira santa, e, como se vê, resalta claro o aludido abuso. Por curiosidade, eu proprio assisti a algumas dessas sessões e posso garantir que foram tão sacras como o «Fado e Maxiro» ou o «S. Paulo Futuro», notadamente, a comedia da Nordick.

Com que direito, pois, a policia, encuada numa tradição da Igreja, — a secular inimiga e concorrente do teatro, — proibe os espectáculos dramaticos, permitindo que o cinematographo funcione, explorando os assuntos que lhe apas? E' golpe indigno, extorsão afrontosa que a autoridade pratica.

O teatro é o elemento da vida social artistica de um povo. Influencia na rasão de ser das sociedades, e, concomitantemente, fotografa o estado adiantado da sua civilização. Como o professor communica aos discipulos as invenções dos sabios, o actor transmite ás camadas populares a vida das sociedades, o jogo das paixões, os determinantes psicologicos dos caracteres. Como o professor, ele educa igualmente, notado-se que maior influencia directa exerce nos povos, porque mais cala no intimo das multidões.

Não fosse o horror de uma cultura artistica desorientada e o cinematographo assumiria, entre os braços dos seus exploradores. Mas fosse o acanallamento artistico dos profissionais de teatro, neste país, um facto, e a autoridade não se atreveria a esbulhar os multiplos interesses dos artistas brasileiros, em ganho de maiores lucros ás empresas cinematographicas.

Tivemos os artistas brasileiros por si a organização de classe, vigorosamente organizada, apta a derrotar-se com os assaltantes de todos os seus direitos, compreendendo eles melhormente os seus deveres: artisticos, sentissem pulsar dentro de seus peitos aquele amor ardente, nobilitante que a sua arte, prodigamente, merece, e não mais principio dogmatico algum da Igreja já feita fechar-lhes as portas do seu templo.

A Igreja!... A mais desleal concorrente da arte dramatica, com as suas funções teatraes à porta aberta, sem custo de interesse. A casa de espedientes onde os beneficos mais venham, não em favor dos humildes e dos miseráveis, mas em interesse de

«Venturosos fradralhs» de larga ventala que castigam o corpo, cristianamente, devorando

«Tenrimosmos fregos de alourada carne!»

A Igreja!... o unico centro do reunio que o Estado — essa outra anacronica engrenagem — ainda não resolveu cortar, apesar dos enormes lucros auferidos.

Artistas brasileiros! meus irmões em arte em miséria, erguei-vos, afinal! Fundai a vossa associação, empredeis essa luta do Diabolo, obedecendo à inspiração de ideias e principios, desprezando os odios e os interesses. Conquistai o vosso lugar de justiça, neste país de belezas e de sol, e teris, mostrados, triunfantemente, que sois, além de artistas, verdadeiros homens.

S. Paulo, fevereiro 1916.

Romaldo Figueiredo. (Artista dramatico).

Ha pouco tempo, em Londres, era conduzido à força um velho modelo de atelier, de longa barba branca, o qual servia por vinte anos de tipo a todos os pintores para o Padre Eterno.

Quem é aquele homem que vai ser enforcado? pergunta um transeunte.

— É o «Padre Eterno».

— O Padre Eterno? É uma familia sem sorte! Primeiro o filho, depois o pai!

A LANTERNA NO RIO

é encontrada à venda nos seguintes pontos:

CARRS CHARTERS, largo do Rio, 92 Rua de Assembléa, 25, esquina da rua do Carmo, engraxada.

Rua Gonçalves Dias, 75, esquina do sr. Brás Lourenço.

Estação Central, com o sr. Agostinho Mourão.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua Marechal Floriano Pezoto, 60, engraxada.

Largo Carlos, 3, com o sr. Faeschoel Trots.

Rua Marechal Floriano Pezoto, 105, engraxada.

DEPARIS

Unanimidade Nacional?

Um dos meus amigos, parafrazeando aquele adversário da política que jurava manter-se honesto toda a sua vida para não vir a ter relações com os gendarmes que ele odiava, disse-me um dia: — Ignoro a que evolução me levaram as minhas sucessivas concepções políticas ou filosóficas; mas o que posso afirmar bem alto é que nunca evoluí para a direita; essa gente causa-me demasiada repugnância.

Os conservadores de todos os matizes que deveriam pôr por observação um silêncio tão prudente como profundo, são pelo contrário como os gogos devorados por uma sede insaciável de falar.

Uns, os legitimistas, já se esqueceram porventura dos emigrados de Coblentz e da coligação das potências europeias com a Prússia à frente — por eles solicitada para esmagamento da democracia nascente? Já não se recordam dos exercitos dessas mesmas potências que vieram em 1815, após os horrores da invasão, tornar a pôr no trono o predecessor daquele que, a despeito dos factos e da história, continuava a ser para eles o soberano do seu coração, que de modo nenhum eles perdiam a esperança de ver de novo tornar-se árbitro dos destinos franceses?

Quanto a outros, não deveria bastar para deles obter maior reserva o confronto entre esses dois monarcas, Napoleão e Guilherme, que com um século de intervalo, devorados pela mesma ambição, atingidos ambos pela mesma loucura de conquistas, puseram a Europa a ferro e fogo?

Quanto aos republicanos, clericais e concordatários, que com seus irmãos monarquistas consideram a unidade nacional e o desarmamento dos partidos apenas como um passo imenso para o triunfo da fé que creem firmemente ou pelo menos tentam sugerir que, depois desta guerra, as turbas transviadas farão um justo regresso ao ideal de justiça e de bondade que é a santa religião, devemos qualificar a sua impudência de candura inconsciente ou de simples cinismo?

Em todas as épocas, deu a Igreja prova de completa ausência de desinteresse; quando dá, põe a juros; o menor dos seus actos impio, bem calculados os lucros e perdas, a inextinguível prossecução dum fim.

Os seus adeptos entregam-se actualmente a verdadeiros ataques contra a consciência universal; em suas folhas, a guerra, que mantinha outrora, apesar dos seus horrores, uma espécie de nobreza e de grandeza selvagem, é apresentada a uma luz tão odiosa, em virtude do desprezo com que sem medida nem discernimento acbrunham o adversário, que parece mil vezes mais atroz.

Em seus escritos, cada linha dos quais é um convite sem disfarce às piores represalias, domina uma preocupação imbecil e sistemática de denegrir. É paradoxal, mas consolador, consignar que, nestes tempos de ruínas, lutos e morte, é de lábios incredulos e ateus que saem as únicas palavras de verdadeira piedade.

Esses senhores da reacção ultrapassam na verdade a medida do permissão. Não chegam a prever que, depois da guerra, os últimos trinta anos, período de erro — léde: de progresso social — serão seguidos por uma reconciliação geral entre todos os franceses, filhos da mesma Igreja, aos pés dos altares desta!

— Desde então, acrescentam eles, saída do atoleiro anticlerical onde chafurdava, a França retomará o seu posto à frente das nações e marchará para a luz e para o progresso.

Sou por certo tão inimigo como qualquer outro da cultura germanica, no que se refere à odiosa manifestação dos intelectuais alemães que se declararam com a ostentação assida solidários com o militarismo e o Kaiser, consagrando assim a má fé, a crueldade e a

violência; mas algumas dúzias de alemães não são a Alemanha toda e eu compartilho com toda a gente de bom senso esta opinião: a despeito das excomunhões e anátemas, a cultura alemã há-de subsistir.

Os defensores do trono e do altar aconselham o aniquilamento da Alemanha até os ossos, a resposta às atrocidades teutônicas com terríveis represalias; o que eles se absteem de confessar é que, instigando assim a excessivos rigores, o seu intuito é avivarem e perpetuarem entre os povos o ódio que reciam ver desvanecer do nosso planeta, o que no entender deles seria um penhor de masiadamamente certo de paz universal, por eles rejeitada a todo custo.

Ah! é uma felicidade para a humanidade não passar dum mito esplêndido, de origem puramente humana, Jesus de Nazaré, cuja admirável figura tão nitidamente sobressaia da noite dos séculos e cujo preceito essencial foi o seguinte: amai-vos uns aos outros!

Com certeza, como divindade, apesar da sua paciência e longanimidade, vendo os seus dogmas e princípios calcados aos pés com tanta desveluturaprecisamente por aqueles que o deveriam exaltar e propagar, havia de obter de seu pai outro dilúvio, sem Noé nem arca desta vez, e a Terra, vivia dos seus habitantes, continuaria a sua eterna gravitação, sem ter sido perturbada por um só instante a ordem do universo.

Gustavo Lequeux.

A's armas!

O seu Wenceslau Braz, presidente desta encarnação, e o general Gato de Faria, ministro da Guerra, estão resolvidos a executar, ainda esta semana, em época determinada, o serviço militar obrigatório. (De diversos jornais.)

Estamos perdidos, caros leitores; desta vez a coisa vai mesmo; e eu que não esperava mais por tal! Não vale a pena ser otimista. Vamos encetar a questão pelo sério, do contrário teremos de muito breve, pagar no pau furado e marchar, ao som dos tambores e do resto dos instrumentos dos quais agora não me recordo o nome, para a fronteira, pois que os argentinos já se estão preparando para nos atacar e os alemães, assim que a guerra acabar, virão tomar conta de Santa Catarina.

Que futuro negro nos aguarda! E eu que tenho um medo horrível de guerras e até de armas de fogo... E ter que marchar para os campos de batalha!

Mas os meus planos estão traçados, e saberei executá-los, caso a isso seja obrigado. Fugir do campo da luta, naturalmente não poderei, por isso imediatamente pegarei no meu revólver e darei um tiro bem na ponta do dedo; isso dará motivo a eu fazer uma bala de canhão, só para que a cruz vermelha me venha buscar e leve para bem longe do perigo. Arriscar a minha pele em defesa da pátria! Isso não! Isso não! Não contem comigo porque é tempo perdido! Se o primeiro plano falhar, tenho outro: entregarei-me prisioneiro para evitar que alguma bala perdida me venha encontrar. Então forneceréi vários segredos ao inimigo com a firme condição de me mandarem para Buenos Aires, pois tenho uma forte simpatia pelas belas «mucha-chas» argentinas...

E os senhores ainda serão capazes de dizer que não sou amigo da pátria e do serviço militar obrigatório? Então desculpem... mas os senhores não me entenderam...

Ricardo.

«A Lanterna» em Belo Horizonte vendendo na casa dos sr. Giacomo Alberto e Irineu, à rua da Bahia, 998.



Um aspecto do comício da União Geral dos Trabalhadores, no largo de São

A «TOLERÂNCIA» DO PAPA

POUCA PRETENÇÃO!

Com o papalinho «tolerância» a «Basilica», de João de Faria.

Com o título de «Tolerância do Papa», «A Basilica», jornal católico pertencente a uns padres alemães com residência em Juiz de Fora, publicou um longo artigo que, logo à primeira vista, dá a impressão de intolerância brutal dessa gente pelas normas que uma nação verdadeiramente constituída adotou.

Causa-nos naturalmente revolta o que eles dizem, afirmando a vontade dessa classe que, cada vez mais, vem sobrecarregando toda a humanidade com as suas torpezas e crimes de toda a sorte.

Dizem eles que o sumo pontífice é que dá ao papa a posição internacional no concerto das nações, sendo também seus os estados pontifícios, e mesmo a própria Roma é a ele pertencente pelo poder divino, que equivale, em regra comum, a um direito internacional! (1). Continuando, eles clamam contra a violenta deslealdade desses estados pontifícios do poder da Igreja, afirmando que o papa, pai de mais de 300 milhões de fiéis, em todas as esferas da vida, quer familiar, civil ou privada, tem o direito incontestado sobre esse território, cabendo, portanto, agora, no final da presente guerra, a Alemanha restituir ao chefe do catolicismo os antigos estados pontifícios!

Vão ainda mais longe: acham que o papa não pode continuar prisioneiro em seu próprio palácio papal, cidade que só a ele pertence, porque, conforme a «doutrina», o primado do pontífice de Roma não é só um «primado de honra» e sim um «primado de jurisdição e autoridade».

Acham, também, que a alçada do poder do papa, além dos estados pontifícios, deve estender-se a todos os países do mundo, porque ele é o legítimo representante de Deus e o único, de direito, a governar.

Que a sua monarquia legalmente constituída em 1631, destruída depois por Napoleão, tornou a ser reconhecida em 1815 pelo Congresso de Viena, sendo o

seu governo entregue ao papa, aumentando, assim, os domínios e o tesouro de São Pedro.

Afirmam, em nome de Deus, ser um crime de lesa-majestade o subleito de suas províncias pelo governo italiano, em 1870. Terminando, eles antegostam a vitória da Alemanha, certos de que, com a possível mudança do mapa geográfico da Europa, caberá um grande domínio ao papa!!

Uma pessoa culta que lê isso, vê logo um amontoado de pretensões absurdas e inqualificáveis, porém, muitos católicos praticos, digo mesmo a grande maioria delas, talvez, acharão excelente fazer-se, como querem eles, do papa o rei do mundo.

Dizem, portanto, entregue aos próprios leitores o comentário dessa aberração fenomenal, feita pela «A Basilica», certo de que todos lhe acharão muita graça.

Acreditam eles que com a mesma farsa com que se fez um papa, se modifica um governo, uma nação e um povo.

Pode o articulista da «A Basilica» esperar embalsado nessa doce ilusão. O papa virá a ser mesmo o rei do mundo, todos nós passaremos a andar de batina, ficará proibido o casamento, far-se-á uma reforma radical nos nossos usos e costumes, a hostia será o nosso alimento e também o jantar. Vai ser uma grande panda-ga. Voltaremos a viver no paraíso de Adão, fazendo rigorosas abstinências e sacrificando as nossas necessidades fisiológicas. A espécie crescerá assombrosamente, sendo todos filhos de Deus e afilhados dos pastores de Cristo, etc., etc.

Sentirei, entretanto, reverendíssimas criaturas, que esse vosso tombo de exploradores venha a ser perturbado com uma carga explosiva que caia brevemente por terra papa, Vaticano, clero e tudo.

E o que me parece mais lógico, possível e... razoável.

Belo Horizonte, 4 — 916.

Augusto Soares Alves.

Quem quer que o não o jornal, seguindo a orientação moderna da imprensa independente, seja uma tribuna de livre discussão, para a investigação sincera da verdade e como um eco às largas aspirações do nosso tempo.

Contando um dos ouvintes a coisa em casa, ao jantar, acode um pequeno, seu filho: — Não acha que ele não fez bem? Entre os ouvintes, podia estar algum cristão!

— Que pergunta, filhinho! Não vão, é claro.

— E os missionários? vão?

— E claro que sim.

— E quando um leão come um missionário, como é?

— Os leões vão para o céu?

— Que pergunta, filhinho! Não vão, é claro.

— E os missionários? vão?

— E claro que sim.

— E quando um leão come um missionário, como é?

— Os leões vão para o céu?

— Que pergunta, filhinho! Não vão, é claro.

— E os missionários? vão?

— E claro que sim.

— E quando um leão come um missionário, como é?

— Os leões vão para o céu?

— Que pergunta, filhinho! Não vão, é claro.

— E os missionários? vão?

— E claro que sim.

— E quando um leão come um missionário, como é?

— Os leões vão para o céu?

RIFA EM FAVOR DA «A LANTERNA»

Conforme noticiamos em nosso número 284, um amigo da «A Lanterna» apresentou a uma boa porção de bilhetes da rifa de um terreno.

Infelizmente, porém, não houve o tempo necessário para remeter-las a uma pequena parte dos nossos assinantes, muitos dos quais ainda não as devolveram.

A rifa correu no dia 21 do corrente, sendo premiados os bilhetes com números — 26886 — 87857 — 80724 — 3348.

Todas as pessoas que não nos devolveram antes do dia do sorteio os bilhetes que receberam, são devedoras ao nosso jornal da sua importância, devendo remeter-las com a máxima urgência para Edegar Leuenroth, Caixa Postal — 195, S. Paulo.

Seção amena

O reverendo Jorge Gordon, de Boston, num dos seus sermões, arrebatado pelo seu desejo de sacudir a indiferença dos fiéis, deixara escapar o seguinte: «Parece-me das vezes que os cristãos são tudo quanto há de mais estúpido no mundo».

Contando um dos ouvintes a coisa em casa, ao jantar, acode um pequeno, seu filho: — Não acha que ele não fez bem? Entre os ouvintes, podia estar algum cristão!

— Que pergunta, filhinho! Não vão, é claro.

— E os missionários? vão?

— E claro que sim.

— E quando um leão come um missionário, como é?

— Os leões vão para o céu?

— Que pergunta, filhinho! Não vão, é claro.

— E os missionários? vão?

— E claro que sim.

— E quando um leão come um missionário, como é?

— Os leões vão para o céu?

— Que pergunta, filhinho! Não vão, é claro.

— E os missionários? vão?

— E claro que sim.

— E quando um leão come um missionário, como é?

— Os leões vão para o céu?

— Que pergunta, filhinho! Não vão, é claro.

— E os missionários? vão?

— E claro que sim.

— E quando um leão come um missionário, como é?

— Os leões vão para o céu?

— Que pergunta, filhinho! Não vão, é claro.

— E os missionários? vão?

— E claro que sim.

— E quando um leão come um missionário, como é?

— Os leões vão para o céu?

— Que pergunta, filhinho! Não vão, é claro.

— E os missionários? vão?

— E claro que sim.

— E quando um leão come um missionário, como é?

— Os leões vão para o céu?

— Que pergunta, filhinho! Não vão, é claro.

Historia de

Gatuno...polis

SUMARIO: — ANTECEDENTES HISTÓRICOS — O QUE LEVARAM OS PORTUGUEZES E O QUE FEZ O CLERO — DEPOIS DA INDEPENDENCIA, O QUE NOS CUSTAVA O CLERO E OS DOIS PEDROS — REVOLTA E TRANSFORMAÇÃO DE REGIMEM EM GATUNO...POLIS

Gatuno...polis é um belo paiz, situado no extremo meridional da America; possui cascatas, rios e altas montanhas; tem 21 estados, 8.337,218 ks. e 35 milhões de subditos (1).

No ano de 5504 da criação do mundo (1500 da nossa era), um português, por acaso, descobriu-o, dando conta aos seus patrios, que imediatamente se o repartiram com quem parte queije ou salame.

Em 1505 aportaram a Gatuno...polis os primeiros corvos de Roma, que logo foram seguidos de outros muitos enxames, de sorte que pouco mais de um século depois, essas aves de rapina já possuíam 30 fazendas num Estado de Gatuno...polis, situado no extremo norte e ao qual chamam Bahia (2).

Logo que se apossaram de Gatuno...polis, os portugueses escravizaram e exploraram avidamente, auxiliados pelos corvos de Roma, todos os seus habitantes, aos quais negaram, perentoriamente, não só a liberdade natural, como até a existência da alma (3).

Consideráveis foram as patacas que, em pouco mais de 3 séculos de Gatuno...polis os portugueses arrancaram, havendo mesmo quem afirma que passaram de 2,000,000 de contos (4).

Por seu lado, as aves de rapina romanas não dormiam, e, pretextando uma fé hipocrita, implantaram a inquisição, naturalizaram-se filhos do pais e começaram a atacar os lavradores ricos. Em meados de 150 anos, mandaram para os quilômetros de Lisboa mais de 500 destes desgraçados, e «em cujos expolios foram achados grossos e excelentes cabedais» (5), que serviam, não para saclar, mas, ao menos, para mitigar a voracidade dos corvos romanos.

Logo seadeu de 1623 a 1739. A 7 de setembro de 1821, Gatuno...polis proclamou a sua independência e se constituiu em monarquia.

Os negros emissários de Roma, desde há muito agarrados de unhas e dentes, como a ostra à pedra, ao território de Gatuno...polis, estavam ricamente dotados em todos os re-canais deste grande pais de norte a sul, e de este ao oeste, do sorte que, em 1832, a História Financeira de Gatuno...polis já destacava no seu organamento as seguintes quantias para as harpias romanas domiciliadas em cada Estado do grande paiz de Gatuno...polis:

Espirito Santo	6207.000
Bala	230.000
Sergipe	60.000
Cará	388.000
Piauí	500.000
Pará	2900.000
S. Paulo	3097.500
Santa Catarina	300.000
Minas-Gerais	3000.000
Matto-Grosso	1800.000

Isto, só para a catequização dos filhos da terra ainda de ranga, porque, quanto para a clericatura propriamente dita, seus guisamentos, pesamentos e mais acabados em mentos, as quantias eram estas:

Provincia do Rio de Janeiro:	
Igreja cathedral	53.333,33
Inspector da capela	1.000.000
Buria da cruzada	1.200.000
Mitra	800.000
Parcos, etc.	17000.510

Provincia do Espirito Santo:

Parcos, etc.	3.617,48
Da Bahia:	
Parcos, etc.	29443.200
Ceremias calçados	25.000
Descaços	25.000
(E pena que não houve mais!)	
Missões	120.000

De Sergipe:

Parcos, guisamentos, etc.	1.920.200
De Alagoas:	
Parcos, etc.	1.759.560

De Pernambuco:

Catedral, parcos, guisamentos, etc.	14.360.980
Convento do carne	45.000

